

A series of five horizontal white lines of varying lengths, stacked vertically on the left side of the page.

O desafio da interação humana e os processadores comunicacionais

JOSÉ LUIZ BRAGA

*Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil*

ID 2784

Recebido em

04/08/2023

Aceito em

11/10/2023

O artigo relaciona a proposta do autor de comunicação como trabalho da diversidade à percepção de Hannah Arendt da imprevisibilidade da ação humana, caracterizando uma lógica processual de variação/seleção na práxis social. Propõe o conceito de processadores comunicacionais e sua validade como unidade de variação, e indica pistas para o trabalho de pesquisa voltado para a observação dos processadores – assegurando a diversidade de temas e questões de conhecimento que se manifestam em relação a urgências e projetos envolvidos na práxis social.

Palavras-chave: Processadores comunicacionais. Epistemologia evolutiva. Práxis social. Pesquisa em comunicação. Mdiatização.

The Challenge of Human Interaction and the Communicational Processors

The article relates the author's proposal of communication as work of diversity to the Hannah Arendt's perception of the unpredictability of human action, characterizing a procedural logic of variation/selection in social praxis. It proposes the concept of communication processors, and their validity as a unit of variation, and offers clues for research work aimed at observing processors – ensuring the diversity of themes and knowledge issues that arise in relation to urgencies and projects involved in social praxis.

Keywords: Communication processors. Evolutive epistemology. Social praxis. Communication research. Mediatization.

El reto de la interacción humana y los procesadores de comunicación

El artículo relaciona la propuesta del autor de la comunicación como trabajo de diversidad con la percepción de Hannah Arendt de la imprevisibilidad de la acción humana, caracterizando una lógica procedimental de variación/selección en la praxis social. Propone el concepto de procesadores de comunicación y su validez como unidad de variación y ofrece pistas para trabajos de investigación destinados a observar a los procesadores, asegurando la diversidad de temas y cuestiones de conocimiento que surgen en relación con las urgencias y proyectos de la praxis social.

Palabras clave: Procesadores de comunicación. Epistemología evolutiva. Praxis social. Investigación en comunicación. Mediatización.



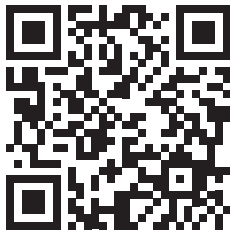
José Luiz **BRAGA**

Doutor em Comunicação pelo Institut Français de Presse (1984). Presidente da COMPÓS (1993-1995). Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG) desde 2022. Professor Emérito da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

E-mail: bragawarren@gmail.com

ORCID



Introdução

O título deste artigo não se refere ao desafio posto pelo conhecimento comunicacional a pesquisadores, mas ao que se enfrenta na práxis social pelos participantes que vivem o processo em suas múltiplas formas, que o exercem “de ouvido”, munidos da experiência decorrente de sua inserção no percurso constituído pela própria ocorrência das interações.

Desenvolvemos uma proposta de perspectiva abrangente sobre a diversidade humana tomando a dinâmica comunicacional como objeto de conhecimento e caracterizando a comunicação como *trabalho da diversidade* (BRAGA, 2022b). O presente texto tem dois objetivos principais: articular base teórica de sustentação à perspectiva proposta, buscando referências em Hannah Arendt e em Charles Darwin; e propor o conceito de processadores comunicacionais como unidade de variação pela qual a dinâmica se exerce na práxis social. Os objetivos se organizam em três partes: a primeira para a aproximação teórica; a segunda, para dar atenção à práxis social; a terceira, para tratar da abordagem de pesquisa.

Parte I – O desafio da interação humana

Ação e discurso

No capítulo “Ação”, de *A condição humana* ([1958] 2018), Hannah Arendt oferece contribuições importantes para pensarmos o processo comunicacional. Seu conceito de ação é centralmente interacional, relacionado ao problema da pluralidade humana, conforme fica evidente na proposição de abertura do capítulo:

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem a dupla configuração da igualdade e da diferença. Se os seres humanos não fossem iguais, não poderiam compreender uns aos outros [...] nem fazer planos para o futuro [...]. Se os seres humanos não fossem diferentes, cada um distinto de qualquer outro que é, foi ou será, não precisariam de discurso ou de ação para se fazerem compreender. Sinais e sons bastariam para comunicar necessidades e desejos imediatos, idênticos (ARENDR, 2018, p. 175, tradução nossa).¹

Extraímos daí a inferência de que as semelhanças permitem a interação, e as diferenças exigem a comunicação. A expressão “discurso”, no texto de Arendt, não corresponde a seu uso mais recente, depois da obra de Michel Foucault *A ordem do discurso* ([1971] 1996) – em que a palavra refere formações resultantes de uma construção social, marcadas por seu ângulo de inserção no contexto. Entendo que a expressão, em Arendt, enfatiza os gestos *que buscam essa inserção*. Uma perspectiva comunicacional mostra que as ações e as falas (o gesto comunicacional) se fazem como trabalho para participar em um contexto no qual a pluralidade humana é um dado existencial *vivido e elaborado*.

Participamos do conjunto de outros, com quem devemos interagir realizando ações em comum e desenvolvendo projetos. Ações e falas, movidas por essa necessidade de comunicação, respondem ao desafio da interação humana na diversidade. O que Arendt propõe pode ser direcionado, tal como algumas das teorias precursoras do século XX, para uma teoria sobre o gesto comunicacional. Ainda que a comunicação não esteja no centro de seu olhar, a autora nos oferece perspectivas a partir das quais podemos, nós, elaborar inferências sobre os processos comunicacionais e a comunicação como processo.

¹ No original: “Human plurality, the basic condition of both action and speech, has the twofold character of equality and distinction. If men were not equal, they could neither understand each other [...] nor plan for the future [...]. If men were not distinct, each human being distinguished from any other who is, was, or will ever be, they would need neither speech nor action to make themselves understood. Signs and sounds to communicate immediate, identical needs and wants would be enough”.

Um dos aspectos que pedem atenção entre as proposições sobre ação e discurso é “a competência humana de agir – de iniciar novos processos sem precedentes, cujo resultado permanece incerto e imprevisível” (ARENDR, 2018, p. 231, tradução nossa²). O participante social encontra essa imprevisibilidade em dois momentos: a) não se sabe prever o que pode ser iniciado por ações humanas, pois “o fato de que o ser humano é capaz de ação significa que dele se pode esperar o inesperado” (ARENDR, 2018, p. 178, tradução nossa³); e b) não se pode prever as consequências da ação, pois “a força do processo de ação nunca se esgota num único gesto mas, ao contrário, pode aumentar enquanto as consequências se multiplicam” (ARENDR, 2018, p. 233, tradução nossa⁴).

O presente estudo assume tais proposições precursoras como base para buscar na ação e nas falas *em interação* – ou seja, em todos os gestos humanos em sociedade – pistas a respeito dos problemas comunicacionais a que esses gestos respondem na práxis social. A busca de inserção em contextos específicos – diversos, em sociedades complexas – viabiliza a participação do sujeito da ação e das falas (seja este individual ou coletivo), implicando a potencialidade de que essa inserção, por seu ingresso imprevisível, tenha alguma incidência no contexto, modificando-o com menor ou maior intensidade.⁵

A pluralidade humana, por seu aspecto estrutural da diferença, implica a necessidade de comunicação para que a diversidade se exerça como variação adaptativa e não se torne um elemento disruptivo para a sobrevivência da espécie. Paralelamente, a diversidade de processos e sua imprevisibilidade mostram que a comunicação humana, além de ser requerida para compor e articular a diversidade, é um processo de transformações. Isso acrescenta à necessidade da comunicação a) o fato de que esta se desenvolve como diversificação e b) a relevância prática de controlar a imprevisibilidade por alguma estabilização.

Assumir o aspecto comunicacional da ação e do discurso implica a questão de *como estudar processualidades transformadoras*. Caracterizar a comunicação como trabalho da diversidade, no exercício de tais processualidades, não corresponde apenas a observar os modos pelos quais a diversidade se organiza na superação dos riscos derivados das diferenças encontradas na estrutura social, mas também a perceber a presença ativa e a incidência, nessa estrutura, das ações diversificadoras da comunicação entre os participantes e sobre a própria estrutura. Nas condições de imprevisibilidade, trata-se de investigar a práxis social em seu exercício de transformações e de busca de estabilidade.

Considerando que os sistemas estabelecidos em um momento histórico sempre sofrem transformações, como obter uma percepção abrangente dessa dinâmica da práxis?

Lógicas processuais das transformações

Uma lógica processual de transformações foi descoberta por Charles Darwin ao estudar a evolução das espécies. Segundo essa percepção, variações nas unidades observadas (organismos) são selecionadas pelo meio ambiente, favorecendo os mais aptos e assegurando sua maior probabilidade de continuidade – reprodução e sobrevivência (ABRANTES, 2004).

2 No original: “the human ability to act – to start new unprecedented processes whose outcome remains uncertain and unpredictable”.

3 No original: “The fact that man is capable of action means that the unexpected can be expected from him”.

4 No original: “the strength of the action process is never exhausted in a single deed but, on the contrary, can grow while its consequences multiply”.

5 Hannah Arendt (2018, p. 40-41), assumindo o espaço social como de conformidade a padrões estatísticos, circunscreve a ação e o discurso, enquanto processos de geração do novo ao espaço público político. Em uma perspectiva comunicacional, entretanto, considero que sua dinâmica transformadora se exerce, de modo abrangente, em todo o espaço social.

6 Como Popper ([1934] 2013) e Ludwig Fleck ([1935] 2009) – este último menos conhecido, mas redescoberto por Thomas Kuhn em 1970.

No século XX, pensadores da ciência encontraram analogias entre a elaboração teórica nas ciências e os processos da seleção natural.⁶ De nossa parte, percebemos que lógicas processuais do tipo “variação/seleção” se mostram também em práticas sociais. O processo adaptativo de diversificação e o enfrentamento da imprevisibilidade pedem uma abordagem correlacionada aos processos estudados pela epistemologia evolutiva.

Entretanto, concordamos com Paul Thagard em “Against Evolutionary Epistemology”, de 1980 (“Contra a epistemologia evolutiva”) em sua crítica à transferência analógica do evolucionismo darwinista, da biologia para a produção científica. Para superar essa tendência analógica, não buscamos na práxis social da comunicação características análogas às da evolução de organismos vivos. Transferimos apenas (BRAGA, 2022a) a lógica processual básica de variações em seguida selecionadas pelos contextos de ocorrência (em circunstâncias muito diversas do ambiente natural).

No mesmo processo de transferência, deixamos de enfatizar exclusivamente a transformação, percebendo que o processo se desenvolve, antes, como um jogo entre transformações e a busca de uma estabilização adaptativa – mesmo na seleção natural. Esse trabalho de transferência a partir da proposta de Darwin é apresentado em nosso texto acima referido (BRAGA, 2022a), reajustando o processo darwiniano da seleção natural para o objeto *dinâmica comunicacional na sociedade*.

A práxis social não realiza uma sequência direta de causa a efeito nas atividades em comum da pluralidade humana. Um processo de transformações por variação/seletividade, apesar da caracterização habitual como “evolutivo” – nomeação que criticamos, mantendo aqui seu uso apenas por referência à origem –, não tem nada de linear nem de aperfeiçoamento constante.⁷ Tal processo se exerce em tentativas diversificadoras imprevisíveis, como variações que, em sua busca de entrada no contexto, passam por processos seletivos, recebendo impulsos e restrições diferenciadas.

As composições mais bem-sucedidas realizam alguma estabilidade e previsibilidade de consequências, viabilizando planejamento de futuro. O primeiro trabalho da pluralidade humana, no enfrentamento dos inúmeros problemas que derivam da imprevisibilidade das ações e discursos e de suas consequências, é evitar que a própria diversidade degenerem em ações desencontradas. A diversificação das ações e discursos – que buscam inserção contextual – implica a necessidade de processos seletivos para obter, sempre sem garantias, uma estabilidade suficiente para alguma coerência no processo social.

Essa lógica processual não é uma explicação biológica da comunicação – é um deslocamento, da natureza para o processo social, da geração de variações e da seleção. A seleção social não se confunde com a seleção natural.

Uma perspectiva sobre a diversidade

O desafio comunicacional para a práxis social se caracteriza pela pluralidade e pela imprevisibilidade – conforme exposto por Arendt. Esse problema, abrangente nas condições sempre em transformação de seu enfrentamento, oferece base para uma perspectiva heurística de conhecimento sobre a comunicação. Temos aí um *ângulo de observação* sobre os processos sociais para esquadriñar a realidade social em busca de respostas aos problemas relacionados. A perspectiva heurística proposta nos permitiu caracterizar a dinâmica comunicacional como trabalho da diversidade (BRAGA, 2022b). Podemos, agora, incluir novos elementos e sistematizar a perspectiva através da figura a seguir.

⁷ Em Braga (2022a), detalhamos as limitações envolvidas na expressão “evolutivo” e seu conceito – criticando a ênfase analógica e a postura explicativa e constatando a possibilidade de desvios e recuos no processo. Nossa preferência é caracterizar o processo de transformações pela expressão conjunta variação/seleção.

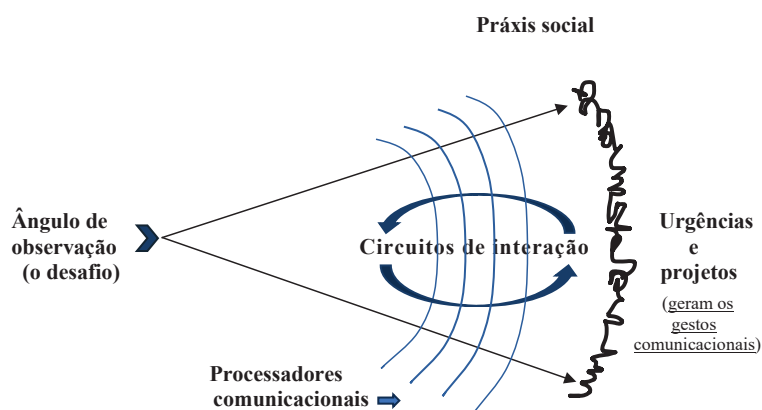


Figura 1: Perspectiva heurística com base no desafio comunicacional abrangente

Fonte: Elaboração própria.

- No *ângulo de observação*: a questão abrangente é o desafio comunicacional. As competências humanas servem a essa questão abrangente.
- Na *práxis social*: urgências e projetos específicos muito diversificados produzem gestos comunicacionais (ação e discurso).
- Nos *contextos sociais da práxis*: os processadores comunicacionais, pelos quais circula a comunicação referente às urgências e aos projetos, produzem variações e exercem seleções.

Como ângulo de observação, temos o desafio estabelecido pela diversidade humana e sua capacidade de diversificação. O desafio torna necessário articular a diversidade, gerar diversificação adaptativa, enfrentar os problemas decorrentes das ações humanas e desenvolver projetos em comum em todas as situações de interação. Acrescentamos ao *ângulo de observação* as competências humanas que viabilizam variações no exercício de tais processos – de aprendizagem, de diversificação, de inferência, de projeto, de experimentação, de invenção social, de empatia, de criação de linguagens direcionadas para atividades em comum (BRAGA, 2022b, p. 91).

Urgências e projetos ocorrentes na *práxis social* são apreendidos na abrangência desse *ângulo de observação* com uma diversidade potencialmente infinita, gerando gestos comunicacionais singulares em seu encaminhamento. O gesto comunicacional não se caracteriza por uma natureza específica, mas sim pelo fato de ser exercido no enfrentamento do desafio abrangente, e em conformidade com as condições concretas e singulares de sua ocorrência na realidade social.

A extraordinária diversidade de ocorrências comunicacionais no enfrentamento de urgências e no desenvolvimento de projeto não acontece, porém, de modo desordenado nem aleatório. Os processos comunicacionais, resistindo à dispersão, geram contextos, que são dimensões intermediárias nas quais as urgências e os projetos se diversificam e são selecionados. Os processadores e os circuitos sociais que os exercem fornecem, por variação e seleção, o trabalho continuado de encaminhar as transformações sociais e buscar zonas de estabilidade.⁸

⁸ Ver “Circuitos versus campos sociais” (BRAGA, 2012) para uma percepção da circulação social dos processos comunicacionais.

Parte II – Na práxis social: processadores comunicacionais

Unidades de variação

Se as transformações em algum aspecto da realidade podem ser apreendidas como um processo de variações a serem selecionadas pelo contexto, é preciso se perguntar sobre seus âmbitos de ocorrência para adotar unidades de variação que sejam mais significativas no processo.⁹ Diversas são as unidades possíveis nos processos de transformação da práxis social.

O presente artigo propõe uma unidade de variação no ambiente social, com interesse especial para as questões comunicacionais, assinalando correlatamente ângulos para a pesquisa de suas lógicas operacionais no trabalho social da diversidade. A “unidade de variação” deve abranger a diversidade empírica, sem reduzi-la. “Meios de comunicação” têm sido adotados como sendo essa unidade abrangente, eventualmente complementada na formulação “meios e processos”.

Efetivamente, a entrada em cena dos meios audiovisuais permitiu distinguir questões diretamente comunicacionais de outras questões no ambiente social. Aparecendo, em certo período da história, como um “corpo estranho” em seus ambientes de uso, os meios de comunicação do século XX exerceram um efeito de distinção perceptiva entre questões comunicacionais e questões políticas, culturais ou linguísticas. Se a comunicação humana ocorre no ambiente social pelo menos desde o *Homo Habilis*, o que se desenvolve com os meios audiovisuais é uma *busca de conhecimento comunicacional*.

Os meios se prestam mais a serem tomados como observáveis em pesquisas do que outras ações comunicacionais anteriores. As ações comunicacionais não midiáticas, na prática social, focadas em objetivos interacionais diversos desenvolvem-se em ambientes e condições muito diferenciadas através de ações sentidas como “naturalmente” humanas. Já o que ocorre pelos meios audiovisuais, inversamente, está ali para ser observado – objeto, mais que disponível à pesquisa, solicitador do olhar e do exame – enquanto gesto comunicacional.

Em conexão com esses motivos, os meios de comunicação passaram a ser *geradores de problemas*, por uma interveniência crescente em praticamente todos os processos sociais – *dos quais, obviamente, a comunicação já fazia parte*, nos padrões de uma relativa estabilização processual antes estabelecida. Nada favorece tanto a busca de conhecimento quanto uma presença intensiva de problemas que desafiam a reflexão e a necessidade de esclarecimento.

Entretanto, uma concentração exclusiva nos meios leva a um alcance restritivo do olhar. Percebemos os seguintes limites para a adoção dos meios como unidade geral de variação: a) voltar a atenção apenas para os gestos comunicacionais que aí se tornam visíveis, com a redução de interesse sobre os ocorrentes em outros âmbitos; b) alternativamente, ao tentar expandir a abrangência para não perder de vista outros processos e dinâmicas, considerar “tudo” como meios – atribuindo características destes a outros processos, por extensão ou analogia.

Ao integrar a diversidade processual da práxis no observável empírico “meios”, a expansão proposta pelo conceito de midiaticização representa um avanço significativo para a pesquisa. Tal conceito envolve uma dinâmica de dupla direção entre os processos das mídias (empresas ou tecnologias) e os processos sociais usuários (recepção, produção, circulação e crítica) no ambiente social. Mas mesmo aí há o risco frequente de que os processos sejam percebidos apenas nessa conexão pré-estabelecida.

⁹ Na seleção natural, a unidade básica de variações é o próprio organismo. Na epistemologia evolutiva, diferentes autores defendem a geração teórica, as formações heurísticas ou os programas de pesquisa como principais dimensões de variação.

Seria possível defender uma ida direta à especificidade da ação e do discurso, dando atenção apenas aos próprios processos acionados na interação. De certa forma, é o que parte da pesquisa empírica faz, apoiada em uma grande diversidade teórica. Os processos comunicacionais, enquanto singulares, devem mesmo ser observados na pesquisa. Mas a busca de uma unidade de variação deve justamente reduzir a dispersão dos singulares, sempre respeitando a necessária diversificação destes.

É preciso, então, obter um âmbito de maior consistência para percepção dos processos comunicacionais acionados em qualquer instância, midiática ou não, adotando uma unidade de variação de maior alcance. Para isso, passamos dos processos aos processadores – que permitem articular, em suas variações, os dois planos de apreensão do fenômeno comunicacional: o da abrangência do desafio interacional e o da diversidade de ocorrências específicas.

Conceito e exemplos de processadores

Proponho adotar os processadores comunicacionais como a unidade de variação mais claramente produtiva para conjecturas e descobertas sobre a dinâmica comunicacional na práxis social.¹⁰ O que caracterizo como processador comunicacional corresponde a uma composição que oferece instrumental, procedimentos e padrões aos participantes sociais como bases comuns para uma variedade, abrangente ou focalizada, de gestos comunicacionais.

Um processador de grande abrangência, com alto grau de estabilidade dinâmica – possivelmente o primeiro que caracterizou a espécie humana (ressalvadas as hipóteses da modulação e da gestualidade) – é a linguagem oral. A seu lado, a escrita e as línguas gestuais são igualmente processadores muito abrangentes.

A expressão “linguagem” – na oralidade, simplesmente descritiva de seu procedimento físico – é especificada para determinados arranjos: passamos a adotá-la para processos que pedem uma expressão estruturada (tais como a linguagem jurídica, a linguagem diplomática etc.). É também extrapolada para processos diversos (linguagem cinematográfica, radiofônica, televisual etc.), quase sem percebermos que aqui já se trata de uma metáfora para modos expressivos.

Falas e ações voltadas para objetivos definidos de interação geram, igualmente, processadores comunicacionais como informação, narrativa, argumentação, debate, deliberação, explicação, demonstração. Em determinado momento histórico, provérbios tiveram uma forte presença como processadores de comunicação.

Nesse conjunto, percebe-se a diversificação de processadores, já que a denominação comum “linguagens” caracteriza composições muito diferenciadas entre si no ambiente social. Outros processadores, ainda, se desenvolvem fora daquela denominação acolhedora. Os próprios meios tecnológicos, embora levem a uma referência a suas “linguagens”, não ficam circunscritos ao âmbito dessa metáfora. Os meios envolvem também funcionalidades, *affordances* (ofertas, possibilidades), lógicas de circulação, processos organizacionais etc.

Vemos também o desenvolvimento de processadores profissionais reconhecíveis – no jornalismo, na publicidade, nas relações públicas, na criação artística, no entretenimento – em um trabalho demarcado como predominantemente comunicacional. Instituições e campos sociais definidos também desenvolvem seus próprios processadores, pertinentes para seus objetivos e lógicas de ação conjunta. Exemplos disso são: as estratégias do contraditório na área jurídica; os padrões deliberativos na tomada de decisão política; as táticas didáticas na educação; as rotinas de relação entre o jornalista e suas fontes.

10 O conceito de processadores redireciona, com vantagens, minha proposta sobre dispositivos interacionais (BRAGA, 2018). A expressão “dispositivo interacional” abrange todos os objetivos sociais e estratégias. Com o conceito agora proposto, o olhar sobre o *processamento* da comunicação circunscribe a abrangência ao que é propriamente comunicacional, assestando melhor o enfoque.

Ambientes de interação podem, igualmente, ser caracterizados como processadores – com suas táticas, portanto, de acionamento reiterado e reajustável conforme as circunstâncias. Os modos de interagir são processados por uma *lógica de ambiente* em assembleias, salas de aula, bibliotecas, redações de jornais, mesas de bar. E, como Luiz Signates assinala¹¹, tribunais. Todas essas alternativas são exemplos que nos fazem perceber que a lista pode se estender largamente. A observação de sua diversidade mostra que processadores podem envolver (em diversas proporções) *linguagens, meios, estratégias e contextos*.

Podemos agora tentar um conceito abrangente. Um processador comunicacional é qualquer processo de interação que, tendo obtido alguma estabilidade e se tornado socialmente disponível, seja acionado para ativar ações comunicacionais – isto é, para se exercer diversificadamente no enfrentamento de urgências e projetos de ação em comum. O conceito implica buscar apreender os processamentos pelos quais os gestos comunicacionais, em sua tentativa de ação sobre o contexto, são exercidos e selecionados. A expressão “processador” é pertinente, explicitando que serve para processar – para que a ação se inicie, se desenvolva e produza resultados (em maior ou menor acordo com o que foi buscado e decidido) e *que se realize como processo comunicacional*.

Como são gerados os processadores?

Os processadores da comunicação são comunicacionalmente criados – disponibilizando patamares compartilhados a serviço da eficácia interacional e da continuidade gerativa.

A competência biológica humana de relacionar sons, gestos e formas em modulações e articulações específicas a objetos, percepções e ações, atribuindo-lhes sentidos *em comum* – que são, assim, convencionados entre os participantes como possibilidade de dizer e agir – faz com que essa primeira produção de sentido já seja uma ação comunicacional. Os processadores em curso em determinada cultura resultam de um processo social seletivo a partir de tentativas anteriores de comunicação na interação humana.

Uma evidência cotidiana de que a comunicação precede tanto a linguagem quanto os demais processadores é o fato de que uma criança pequena aprende a falar a partir de uma ação interacional pré-linguística com os adultos do ambiente em que é cuidada. Comunica-se, portanto, com estes, reproduzindo sons, relacionando-os a objetos, situações, práticas e ações reiteradas; testando intuitivamente esses sons em situações diversas, exercendo, assim – comunicacionalmente – sua entrada no mundo da linguagem; que passa então a ser acionada em benefício de um patamar mais complexo de comunicação.

Através de sua história, a espécie humana gerou e desenvolve sucessivamente, por sua comunicação, novos e diversificados processadores. Estes evidenciam sua ação na sociedade como uma elaboração da práxis social. Na continuidade dos processadores estabelecidos, o processo comunicacional mantém-se como agência transformadora, na medida em que, ao acionar tais processadores para as necessidades interacionais, os exerce em reinvenção constante. A comunicação solicitada para o enfrentamento das urgências se realiza *gerando processadores* – o que permite, por seu acionamento, ampliar o alcance e a complexidade de seus processos.

O que reúne os processadores como conjunto?

Com sua extraordinária diversidade, os processadores comunicacionais não se apresentam como objeto unificado: são plurais, diversos, indefinidos. Podemos observar qualquer modo operacional na sociedade e qualquer tipo de gesto social por sua capacidade de processar ações de ordem comunicacional. Não propomos uma categoria na qual fossem classificados os processadores per se, como distintos de não processadores, assim como não cabe propor uma categoria delimitada de “gestos comunicacionais”.

11 Em um debate preliminar sobre o texto, Signates lembrou que tribunais seriam também um bom exemplo.

O que reúne os processadores não é uma mesma “natureza”, mas o fato de serem gerados por gestos comunicacionais para trabalhar os problemas e projetos da diversificação, processando novos gestos. A partir de competências biológicas básicas, o ser humano se destaca do condicionamento biológico e passa a inventar *socialmente* sua comunicação.

O que os processadores oferecem à práxis?

Hoje, com a larga presença explícita da comunicação em todas as atividades, o ângulo comunicacional passa a ser levado em conta na práxis e na consciência dos participantes. Acionados especificamente para atividades comunicacionais ou para outras atividades marcadas por questões específicas de ordem prática, os processadores têm sempre um aspecto favorecedor de comunicação para os participantes, a serviço de seus objetivos.

Apesar da diversidade dos processadores, algumas ofertas gerais se mostram em suas múltiplas possibilidades. Em primeiro lugar, processadores oferecem um elemento de estabilidade. Sem isso, a cada ocorrência de uma interação os participantes estariam sempre improvisando processos de atividade em comum – reduzindo sua possibilidade de acerto. Se a cada situação, ainda que apenas ligeiramente diferenciada, a experimentação fosse reiniciada, a dispersão resultante reduziria a capacidade de sobrevivência da espécie. Essa estabilidade, porém, não implica redução da flexibilidade humana para a diversificação. A possibilidade do “novo” se mantém na forma de plasticidade para ajustes em situações e urgências enfrentadas.

Outra oferta da elaboração comunicacional de processadores é que estes funcionam como um contexto social objetivado entre os participantes que dominam suas lógicas, em uma atividade em comum. Ações e falas relativas à situação surgente dispõem, assim, de referências, perspectivas, procedimentos disponíveis para sua inscrição na interação com os demais.

Tais processos de estabilização reduzem, conseqüentemente, o grau de imprevisibilidade das ações e falas de que trata Arendt. A singularidade do gesto não aparece desgarrada de referências em comum entre os participantes – que podem relacionar sua ação aos procedimentos que seriam mais habituais e dos quais se distingue ou aos quais se contrapõe. Isso favorece que ações discordantes, ideias novas e tensionamentos se pré-organizem, buscando formulação e direcionamento eficazes para exercer sua ação transformadora e apreendendo o que, no ponto de chegada da fala, se pretenda diversificar.

Os processadores incidem também no âmbito da imprevisibilidade das conseqüências – pela possibilidade de revisões estratégicas dos procedimentos em áreas tensionadas das atividades em comum. A imprevisibilidade se reduz – embora nunca se anule – na medida mesmo de uma expectativa de transformação possível.

Essa referência contextual, viabilizada por processadores comunicacionais culturalmente estabelecidos, favorece também a atividade crítica: a) pela disponibilidade de referências já compartilhadas para interpretar ou avaliar situações, falas e ações inesperadas; ou b) sobre o próprio acionamento do processador comunicacional como sujeito a tensionamento ou contestação, assim como a propostas reformuladoras, abrindo espaço para diversificação.

Por que os processadores qualificam como uma unidade produtiva de variação?

Os processadores qualificam como unidades de variação porque resultam de complexas experiências e ações de comunicação. São operadores que favorecem os gestos comunicacionais em termos de complexidade, precisão, expressividade, diversificação – sendo constantemente sujeitos a reajustes, tensões, revisões e redirecionamentos. Os processadores propiciam a convergência tentativa dos componentes de seu exercício: participantes, objetivos, estratégias, tensionamentos, composições e contextos.

São também âmbito de seleção dos gestos e dos processos que se voltam para manutenção ou mudança, para previsibilidade ou inovação, para repetibilidade ou planejamento de futuros, para redução

de riscos ou tentativas arriscadas. Tais características dos processadores prometem abrangência na diversidade e precisão na consistência, assegurando, enquanto unidade de variação comunicacional, sua operacionalidade para a pesquisa. Dependem, porém, dos acionamentos feitos.

Parte III – Na pesquisa dos processadores: perceber os processos comunicacionais

Metodologia geral

A questão de partida, aqui, é: como pesquisar esse objeto de investigação? A meta principal de minha pesquisa é o desenvolvimento de uma perspectiva de conhecimento voltada para a grande variedade de temas, questões e processos empíricos pesquisados pela área. Busca-se, assim, um ângulo de olhar investigativo que supere a dispersão dos conhecimentos obtidos sem lhes reduzir a diversidade.

A linha de conexão entre o desafio comunicacional abrangente e a grande variação de urgências e projetos comunicacionais da práxis social constrói esse ângulo, sem se impor sobre o empírico nem sobre as teorias intermediárias focadas na compreensão da realidade estudada. Ao contrário, são os singulares, apreendidos como respostas sociais específicas à questão geral, que devem alimentar o conhecimento sobre esta.

Note-se que tanto a perspectiva proposta como a lógica processual de variação/seleção não são explicativas. Não submetemos os processos empíricos de urgências e projetos a uma categorização unificada. Diversamente, o que se propõe é uma heurística para descobrir, em cada caso específico, as singularidades de enfrentamento do desafio, as variações propostas e as seleções ocorrentes, assim como a especificidade dos agentes e suas lógicas próprias.

Na pesquisa comunicacional, o que se deve buscar, particularmente, é uma percepção fina dos gestos comunicacionais em sua singularidade. A ênfase nos processadores interacionais *não corresponde a substituir* o enfoque na especificidade pela investigação exclusiva dos processadores. A observação destes – em sua composição diversificada de *linguagens, meios, estratégias e contextos* – é uma tática de conexão entre o desafio abrangente e a variação indefinida dos gestos, permeada por procedimentos seletivos.

Pelo lado das urgências e projetos, a pesquisa se move nos modos habituais da diversidade, sem descartar nada do que se requeira em teorias, perguntas e metodologias. Pelo lado do desafio abrangente, a pesquisa observa, no trabalho da diversidade, a perspectiva da práxis comunicacional no exercício de suas transformações. Os processadores comunicacionais são o elemento de conexão entre esses dois espaços da proposição heurística.

Nossa hipótese de trabalho é que a ida-e-volta entre os dois polos,¹² apoiada nos elementos intermediários, amplia a probabilidade de descobertas em três níveis: no da compreensão do objeto específico da pesquisa, atendendo a suas perguntas próprias; no de uma redução da dispersão das pesquisas, respeitando a diversidade destas; e no do conhecimento sobre o processo comunicacional, favorecendo seu desentranhamento.

O que observar nos processadores e perceber através deles

A observação de processadores comunicacionais não deve ser circunscrita a suas lógicas e “funções”. O que nos interessa, na perspectiva comunicacional, não é o processador em estado de “código”, e sim o processador acionado, em processamento.

¹² Esse aspecto metodológico é desenvolvido mais extensamente em Braga (2022b).

Estudos que concentrassem sua atenção apenas nesses aspectos recairiam em uma visada institucional, percebendo apenas o que se mostra *estabelecido*. Tais estudos podem ser úteis para conhecer um contexto social dado, como elemento auxiliar no conhecimento das dinâmicas comunicacionais – mas em uma perspectiva comunicacional é preciso observar sobretudo as incidências transformadoras; as que buscam estabilidade; e os modos específicos de acionamento de processadores.

A ação prática sobre um contexto pode depender da inscrição dos participantes em um processador comunicacional exercido nesse contexto; de desenvolver novos acionamentos; ou de atuar criticamente sobre o contexto, em modo intensivo. Isso evidencia a relevância de dirigir o olhar aos processadores, mas também de *enxergar para além deles*.

Processadores são operadores do gesto comunicacional – mas não são *determinadores* desses gestos. Se operamos um dispositivo (uma câmara cinematográfica, por exemplo) ficamos, é certo, adstritos a suas funcionalidades, devendo agir de modo a poder operá-lo. O dispositivo oferece um leque de possibilidades e restrições – suas *affordances*. Mas não diz qual documentário filmaremos – essa decisão implica o envolvimento de outros âmbitos de variação e gera outros procedimentos seletivos. Os processadores (salvo deformações) são estabelecidos como ampliadores das possibilidades da comunicação e favorecedores de diversificação, e não como constituintes de um sistema fechado de determinações.

Em síntese, a preocupação central de uma pesquisa sobre a práxis comunicacional, sob essa perspectiva, envolve uma investigação de variações, internas a um processador ou em tensionamento com este, produzidas pelos participantes das urgências e dos projetos específicos abrangidos pela pesquisa. Essa preocupação com os processos de transformação e de continuidade estável direciona a atenção para questões relacionadas a: a) busca das estratégias, dos critérios e dos agentes – tanto na geração de variações quanto no embate das seleções e seus possíveis resultados divergentes; b) percepção das estratégias de inserção nos contextos sociais, através dos gestos e objetivos que se expressam pelos processadores comunicacionais; c) construções resultantes do encontro das lógicas próprias dos processadores com as lógicas processuais do gesto comunicacional especificado.

Para não nos confundirmos: o *objeto de conhecimento*, na perspectiva proposta, são as dinâmicas comunicacionais da práxis social, em suas composições de transformação e busca de equilíbrio. O *objeto de pesquisa* corresponde – tipicamente, mas não de modo exclusivo¹³ – aos gestos comunicacionais, enquanto enfrentamento de urgências e desenvolvimento de projetos na práxis social. Os processadores são *observáveis* – especiais, mas sem exclusão de outros, enquanto unidades de variação nas quais se manifestam os gestos que exercem aquelas dinâmicas e nos quais se processam a diversificação e os movimentos seletivos.

As pessoas no singular e as forças sociais

A diversificação, no enfrentamento das ocorrências naturais e sociais diversas, não se faz às cegas, por uma lógica da natureza. A capacidade de fazer projeto abre a possibilidade de uma praxiologia transformadora na própria práxis social, pelo desenvolvimento de ações em comum. Mas “ter projeto” não assegura, *per se*, a qualidade ou a validade humana de seus objetivos. Não há critérios prévios: estes têm que ser desenvolvidos em conjunto com os próprios processos, e serão axiologicamente aceitáveis ou não – e, portanto, estão sujeitos à crítica como processo seletivo. É preciso também que o projeto, para se realizar no âmbito social, seja acolhido e tornado parte dos projetos em curso, ou os substitua.

¹³ Pois ao lado do gesto comunicacional podemos também pesquisar contextos, teorias, relações de interface com outras áreas, estruturas instituídas etc. em que esse gesto ocorre.

Para isso, a interação é necessária – a tal ponto que os projetos humanos se fazem já no ambiente cultural em que surgem: são projetos para (ou contra) esse ambiente participativo anterior. Assim, os objetivos derivados de urgências a serem enfrentadas por ações em comum são igualmente informados pelos projetos diversificados de cada participante – contidos no mesmo ambiente em que as urgências se mostrarão.

Os projetos – mesmo quando originados por um participante individual – acabam sendo marcados pelos ambientes culturais em que se movem participantes diversos e em diversificação, podendo resultar em uma expectativa de ação em comum, e assim incidir com vigor sobre os contextos em curso. Esse é o tipo de situação na qual processos de variação e processos de seleção necessariamente se entrecruzam para que ações em comum se especifiquem e ocorram com alguma possibilidade civilizatória.

Quando tratamos dos participantes do gesto comunicacional, aparece o risco de considerá-los apenas como individuais. Não devemos mesmo esquecer esse lugar básico de diversificação, aprendizagem e pensamento que é a pessoa no singular. Ao mesmo tempo, o que se pensa, aprende e diversifica no nível individual se exerce como parte da sociedade na medida e na angulação de sua inserção nesta através do gesto comunicacional.

Assim, uma atividade em comum particularmente relevante é a de gerar, em conjunto, interpretações e pontos de vista sobre o mundo, projetos para um ambiente mais pleno, mais criativo, assim como de autodefesa contra a opressão e o descaso social. O que podemos chamar de forças sociais (voltadas para a defesa de objetivos) é ao mesmo tempo um trabalho entre participantes individuais que aí articulam sua própria diversidade; e a participação coletiva no trabalho, mais abrangente, de gerar ou participar de circuitos para enfrentamento de urgências e desenvolvimento de projetos de transformação de relações interacionais na sociedade.

Nessa situação, as ideias, propostas, objetivos e estratégias “respondem” por um grupo. Para os propósitos da urgência em pauta, os participantes individuais se mostram mais por sua semelhança nas perspectivas do grupo que por suas diferenças. A semelhança do conjunto é o que caracteriza o “participante coletivo” e seus gestos de participação. Isso não elimina, porém, uma dimensão de variação interna, importante para uma construção composta de estratégias adaptativas,¹⁴ o que recoloca em cena a singularidade das pessoas. Tais forças sociais e pessoais, em seus gestos comunicacionais, serão talvez os processos mais efetivos de transformação ou de estabilização nas dinâmicas interacionais em um ambiente social.

Conclusão

A pesquisa da diversidade comunicacional solicita uma percepção do estado da práxis social. Se uma parte importante das necessidades de ação em comum se encontra atendida, se as estruturas de estabilidade disponíveis atendem a urgências mais imediatas, apenas ajustes são necessários em função dos objetivos e da singularidade dos participantes.

Se os problemas não resolvidos são muitos ou intensos, se a pressão sobre o estabelecido se amplia, se os processadores disponíveis não processam o gesto novo, as tensões e dificuldades para ação em comum podem gerar forças (individuais e grupais) para acionamentos diferentes dos habituais ou para uma substituição de processos. São desencadeadas, assim, tendências de transformação ou de busca de manutenção e continuidade, com maior ênfase ora em uma alternativa ora em outra, conforme o que pareça ser de maior pertinência em cada situação.

¹⁴ Razão pela qual tentativas tecnológicas atuais de transferir decisões, ações e falas de participantes sociais para sistemas de inteligência artificial por meio de algoritmos podem ser problemáticas. Não por transpor variações e seleção de agentes humanos para agentes materiais – isso sempre foi feito pela espécie humana –, e sim pelo risco de decisões padronizadas reduzirem ou eliminarem a diversificação. Trataremos disso em outro artigo.

Múltiplas circunstâncias (algumas de abrangência mundial) estimulam, hoje, a crescente percepção da comunicação como um processo relevante em todos os aspectos e ambientes sociais. Setores diversos da sociedade se envolvem expressamente em experimentações de ação comunicacional a serviço de seus objetivos, assim como objetivos novos se desdobram em diferentes tentativas de exercer a competência de projeto da espécie humana. Correlatamente, constatamos uma disponibilização acelerada de processadores tecnológicos, ainda dependentes de uma construção cultural lenta de modos pertinentes a serviço de gestos comunicacionais – intensificando o ensaio-e-erro nas experimentações processuais.

Scott Lash (1990, p. 6) observava no final do século XX que os diferentes campos sociais, na medida de uma “des-diferenciação” crescente, distanciavam-se da autorreferencialidade – ou mais exatamente, referindo Max Weber, de uma autolegislação (*self-legislation*). Podemos hoje complementar que se reduzem as possibilidades de autorregulação de processadores na própria comunicação interna dos campos sociais, restringindo-lhes, correlatamente, a interação em seus próprios termos com o sistema circundante.

Há espaço, aí, para inovações importantes para a humanidade, em sentido igualitário e civilizatório. Podemos considerar as experimentações voltadas para a defesa de direitos humanos, da democracia, assim como uma abertura de circuitos que viabilizam interações transversais ao que os campos sociais estabelecidos habitualmente desenvolvem. Um exemplo importante nessa direção é o das redes digitais entre portadores de síndromes e transtornos que, ao discutir suas perspectivas pessoais sobre questões e enfrentamentos correlacionados, obtêm incidências significativas sobre o campo médico, ao mesmo tempo em que asseguram sua inserção na sociedade geral trazendo seus próprios termos e perspectivas (FALCHI, 2023).

Nada assegura, entretanto, a boa comunicação sob qualquer critério. Eventualmente, participantes se agarram a gestos de eficácia perimida, por dessintonia com ambientes transformados ou porque isso lhes permite reiterar posições estagnantes. Outros, por falseamento de formatos disponíveis, geram circuitos autosselecionados que fazem proliferar acionamentos em desvio tendencioso, de comunicação opressiva, de ressentimento e violência – ouvimos a expressão “hacking de mentes”. As tentativas e experimentações no trabalho da comunicação, ainda que com boas intenções, não são necessariamente bem-sucedidas.

Assim, a pesquisa da comunicação como trabalho da diversidade, na perspectiva aqui proposta, envolve o estudo dos gestos comunicacionais diante de urgências e projetos, evitando supor que esse trabalho seja sempre movido por interações equilibradoras das diferenças. Ainda que o seja, não se pode assegurar seu sucesso. O objetivo é compreender os problemas que o movem esse trabalho, como gera e aciona processadores suas estratégias, suas táticas de variação, seus agentes e modos de seleção, suas ações sobre os contextos, suas tendências de transformação e/ou de estabilização – enquanto direcionados pelo desafio da diversidade e da diversificação social..

Só com base nessa apreensão minuciosa é que se pode pensar em valoração axiológica, em visada crítica e em posturas praxiológicas que tenham sentido.

Referências

- ABRANTES, P. O programa de uma epistemologia evolutiva. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 16, n. 18, p. 11-55, jan.-jun. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.7213/rfa.v16i18.1501>>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ARENDT, H. **The Human Condition**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, [1958] 2018.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação e mediatização**. Salvador: COMPÓS; EDUFBA, 2012. p. 31-52.
- _____. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 6, n. 12, p. 81-91, jul.-dez. 2018.
- _____. Epistemologia evolutiva: uma heurística para a Comunicação. **Revista Galáxia**, v. 47, p. 1-21, 2022a.
- _____. Comunicação como trabalho da diversidade. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 87-104, set.-dez. 2022b.
- FALCHI, M. **Experiências comunicacionais em efeito borboleta**: elaborações da doença e de si na ambiência da mediatização. 349 f. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo, 2023.
- FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, [1935] 2009.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, [1971] 1996.
- LASH, S. **Sociology of Postmodernism**. Londres: Routledge, 1990.
- POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, [1934] 2013.
- THAGARD, P. Against Evolutionary Epistemology. In: **PSA**: Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association. Chicago: The University of Chicago Press, v. 1, contributed papers, 1980. p. 187-196. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/192564>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado da pesquisa em andamento, iniciada em 2021, intitulada “O problema social da comunicação como perspectiva para o conhecimento comunicacional”.

Fontes de financiamento

A pesquisa é financiada com Bolsa PQ-Sênior, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde março de 2023 – código 8389202474518863.

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

31º Encontro Anual da COMPÓS, São Paulo, USP, 2023; Seminário de Epistemologia, Goiânia, 2023; Grupo de Discussão de Teoria, 2023 (on-line).

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Agradeço as observações dos participantes dos eventos, assim como o relato apresentado por Deodato Libanio no GT de Epistemologia da COMPÓS. Um agradecimento especial a Regina Calazans, pelas sugestões de edição.